

**PROJETOS DECOLONIAS NA AMÉRICA LATINA:
O ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO E A DUPLA
DESCOLONIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA**

Hugo Eliecer Dorado Mendez¹
Gilmei Francisco Fleck²

RESUMO

No presente artigo, temos por objetivo estabelecer bases epistemológicas a partir das quais se viabilize a realização de um estudo de literatura comparada focado no gênero romance histórico em correlação com os estudos decoloniais no contexto latino-americano. Dessa maneira, em primeira instância, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica a respeito do pensamento decolonial e seu desdobramento teórico no contexto da América Latina. Examinamos e determinamos conceitos essenciais para a pesquisa, tais como: o giro decolonial, o pensamento fronteiriço, a matriz colonial e opção decolonial; e estabelecemos algumas pautas para a diferenciação dos conceitos colonialismo/colonialidade, e seus derivados. No segundo momento, abordamos aspectos essenciais da crítica e da teoria contemporânea a respeito do gênero romance histórico, apontando para as peculiaridades das fases e das modalidades em que alguns teóricos classificam as produções do gênero. Vinculamos ambas as discussões para chegar à compreensão das vias pelas quais o romance histórico latino-americano pode ser contemplado e examinado como uma prática da opção decolonial: um exercício do pensamento fronteiriço. Baseamo-nos nos postulados sobre o romance histórico nas obras de Menton (1993), Del Pozo González (2017) e Fleck (2017) e nos estudos decoloniais de Quijano (1988, 2000), Dusell (1994) e Mignolo (2000; 2007), entre outros.

Palavras-chave: Literatura comparada. Pensamento decolonial. Romance histórico.

**DECOLONIAL PROJECTS IN LATIN AMERICA:
THE LATIN AMERICAN HISTORICAL ROMANCE AND THE DOUBLE
EPISTEMOLOGICAL DECOLONIZATION**

ABSTRACT

This article aims to establish the epistemological bases on which we can carry out a Comparative Literature study focused on the historical novel genre in correlation to decolonial studies in the Latin American context. Thus, in the first instance, we developed a bibliographical research on decolonial thought and its theoretical development in the context of Latin America. We examined and determined essential concepts for the research such as: the decolonial turn, the frontier thinking, the colonial matrix and the decolonial option; and we established some guidelines for the differentiation of colonialism/coloniality concepts and their derivatives. In the second moment, we approach essential

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e bolsista da CAPES 2019/2021. Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Italiana e suas respectivas Literaturas, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), onde foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa cadastrado no diretório do CNPq: Resignificações do passado na América: Leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de histórica e ficção- vias para a descolonização. Atua nas linhas de pesquisa: Estudos das teorias contemporâneas de análise literária; e Resignificações do Passado pela literatura - vias para a descolonização da América Latina. Participante do Programa de Ensino de Literatura e Cultura (PELCA) da Unioeste. E-mail: felipebemol@hotmail.com

² Pós-Doutor em Literatura Comparada e Tradução pela Universidade de Vigo (UVigo/Espanha). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis-SP). Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Cascavel-PR). Líder do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

aspects of criticism and contemporary theory regarding the historical novel genre, pointing to the peculiarities of the phases and modalities in which some theorists classify the genre's productions. We link both discussions to reach an understanding of the ways in which the Latin American historical novel can be contemplated and examined as a practice of the decolonial option: an exercise in frontier thinking. Therefore, we base ourselves on postulates about the historical novel in the works of Menton (1993), Del Pozo González (2017) and Fleck (2017) and on the decolonial studies of Quijano (1988, 2000), Dussel (1994) and Mignolo (2000, 2007).

Keywords: Comparative Literature. Decolonial thinking. Historical novel.

Data de submissão: 30. 10. 2021

Data de aprovação: 21. 05. 2022

INTRODUÇÃO

No final de século XX e início do século XXI, um grupo de intelectuais latino-americanos³ de diversas áreas propõem um novo paradigma para pensar as ciências sociais e humanas nesta região do continente. Eles discorrem nas suas obras a respeito de uma série de conceitos e categorias que, pouco a pouco, passa a formar parte do repertório científico na América Latina, nutrindo uma perspectiva emergente que busca extrapolar os limites regionais e continentais, atingindo a universalidade. O trabalho desses pensadores pretende “[...] *intervenir decisivamente en la discursividad propia de las ciencias modernas para configurar otro espacio para la producción de conocimiento — una forma distinta de pensamiento, un paradigma otro* [...]” (ESCOBAR, 2003, p. 54).

O novo paradigma de investigação é definido por esse grupo de pensadores sob os signos modernidade/colonialidade. A modernidade, sob a perspectiva desse paradigma, deixa de ser concebida como um movimento intrínseco europeu, a partir do entendimento de que esse processo não pode ser explicado de forma completa a partir de elementos internos da cultura do Velho Continente. Pelo contrário, é um processo que só foi possível no contato entre as humanidades europeias e outras humanidades. Com essa constatação, são refutados alguns conceitos propagados nas ciências sociais com base eurocêntrica: o processo de modernidade global é desvinculado da matriz europeia e passa a ser compreendido como a articulação de elementos internos das culturas do Velho Continente com elementos de outras culturas a partir da expansão colonial do século XV em diante (DUSSEL, 1994). Desse modo, a modernidade, como processo global, teve por condição de possibilidade a expansão europeia e a instauração da matriz colonial nos espaços colonizados.

Essa matriz colonial do poder é denominada de “colonialidade”; nos termos de Mignolo (2007), a face oculta e menos vitoriosa do processo de modernidade. A retórica da modernização, fundamentada nos signos progresso, liberdade e salvação, é reforçada, desde o início do seu processo global, pela lógica da colonialidade, a qual justifica a destruição dos bens materiais e imateriais em prol da instauração do mundo moderno (DUSSEL, 1994). Assim, a lógica da colonialidade se esconde por trás do discurso do progresso, da salvação, da liberdade e do bem comum, signos próprios da retórica da modernização global.

Isso pode ser verificado, segundo Dussel (1994), na história da invasão e da colonização da América. No imaginário eurocêntrico, à civilização moderna colonizadora cabia a missão de outorgar a “luz do progresso” às sociedades indígenas que não haviam

³ Entre esses destacamos: Catherine Walsh, Zulma Palermo, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gomez e Nelson Maldonado.

⁴ “[...] *intervenir decisivamente en la discursividad propia de las ciencias modernas para configurar otro espacio para la producción de conocimiento — una forma distinta de pensamiento, un paradigma otro.*” (ESCOBAR, 2003, p. 54 - tradução nossa).

“alcançado”⁵ tal estágio de desenvolvimento, como um dever moral. Diante do embate que esse processo provocava, a práxis moderna se vinculou às práticas da violência, justificando a instauração de uma guerra colonial, concebida sob a perspectiva social eurocêntrica como uma guerra emancipadora. Assim se dá início ao fenômeno político-social do colonialismo (QUIJANO, 1988), com implicações até a contemporaneidade.

Para Quijano (2000), apesar do fim do colonialismo territorial e político europeu na América Latina, nos séculos XIX e XX, as relações de poder entre o Velho Continente e a nossa região permanecem demarcadas pelos vínculos coloniais. Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) discorrem sobre essa dinâmica histórica, apontando para dois momentos cruciais na nossa região do continente:

*La primera descolonización (iniciada en el siglo XIX por las colonias españolas y seguida en el XX por las colonias inglesas y francesas) fue incompleta, ya que se limitó a la independencia jurídico-política de las periferias. En cambio, la segunda descolonización — a la cual nosotros aludimos con la categoría decolonialidad — tendrá que dirigirse a la heterarquía de las múltiples relaciones raciales, étnicas, sexuales, epistémicas, económicas y de género que la primera descolonización dejó intactas. Como resultado, el mundo de comienzos del siglo XXI necesita una decolonialidad que complemente la descolonización llevada a cabo en los siglos XIX y XX. Al contrario de esa descolonización, la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político.*⁶ (CASTRO-GÓMEZ e GROSGOUEL, 2007, p. 17).

Nesse sentido, Quijano (2000) e Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) discorrem a respeito da vigência desses vínculos coloniais, caracterizados pela dominação e pela exploração do poder hegemônico sobre os campos econômico, político, social e epistêmico das sociedades subalternizadas. Quijano (2000) refere-se a essa série de estruturas de controle hegemônico, instauradas desde o início da colonização da América, como: estruturas da colonialidade.

O paradigma modernidade/colonialidade é o eixo central do chamado pensamento decolonial na América Latina. Em seguida, buscamos apontar para alguns dos elementos que compõem os eixos conceituais dessa perspectiva epistêmica.

1 O GIRO DECOLONIAL E O PENSAMENTO FRONTEIRIÇO

Entre os anos 1612 e 1616, no Vice-reino do Peru, o índio Waman Puma De Ayala (1534-data da morte desconhecida) finalizou a sua obra *Nueva Crónica y Buen Gobierno*⁷ ([1616] 1980), uma extensa e minuciosa carta, de mais de 1200 páginas, dirigida a Felipe III, então rei da Espanha. A carta se divide em três partes temáticas. A primeira é uma espécie de estudo etnográfico no qual se descreve a criação e o desenvolvimento do universo sob a perspectiva indígena; uma tentativa de apresentar o mundo andino pré-hispânico para o rei da

⁵ Sob a perspectiva eurocêntrica, o desenvolvimento das sociedades devia ser lineal, seguindo os padrões europeus ocidentais de progresso sócio-histórico.

⁶ “A primeira descolonização (iniciada no século XIX pelas colônias espanholas e seguida no XX pelas colônias inglesas e francesas) foi incompleta, dado que se limitou à independência jurídico-política das periferias. Pelo contrário, a segunda descolonização — à qual denominamos com a categoria decolonialidade — terá que se dirigir à tetrarquia das múltiplas relações raciais, étnicas, sexuais, epistêmicas, econômicas e de gênero que a primeira descolonização deixou intatas. Como resultado, o mundo de início do século XXI precisa uma decolonialidade que complemente a descolonização levada a diante nos séculos XIX e XX. Ao invés dessa descolonização, a decolonialidade é um processo de resignificação a longo prazo, que não pode se reduzir a um acontecimento jurídico-político.” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007, p. 17 – tradução nossa).

⁷ Nova Crônica e Bom Governo.

Espanha. A segunda parte é a crônica da conquista e da subjugação de *Tawantinsuyu*⁸, também chamado de Império Inca, pelas forças militares espanholas. Essas duas partes compõem a *Nueva Crónica*, um estudo necessário, segundo o seu autor, para a compreensão da história e da cultura do universo indígena pelos colonizadores europeus.

Na terceira parte, *Buen Gobierno*, Waman Puma narra os problemas e as dificuldades que a colônia enfrentava na época, assim como os equívocos e os descuidos nos procedimentos das autoridades representativas da coroa real no Vice-reinado. É exposta e condenada a crueldade das ações desses funcionários, militares e eclesiásticos; e são propostas novas formas de organização social e política, visando a melhores condições de vida para aqueles que foram subjugados. É um tratado político e social no qual, além de se mostrar a intrincada e violenta realidade multicultural vivenciada na colônia, discutiram-se propostas e orientações para a superação dos conflitos gerados pela imposição do sistema colonial.

Waman Puma De Ayala era um nativo andino, nascido após a ocupação de *Tawantinsuyu*, mais ou menos no ano de 1535 — segundo apontou na sua carta para o rei Felipe III. Recebeu o sobrenome De Ayala após o seu pai, Waman Mallqui, ter salvado a vida de Luis Ávalos de Ayala, um soldado das tropas de Pizarro, líder conquistador espanhol, no ano de 1547. Em agradecimento, de Ayala deu seu sobrenome para toda a família de Mallqui. Assim, ao receber o sobrenome espanhol, Waman Puma, cujo nome em quéchua pode ser traduzido como Falcão e Puma, inicia um processo simbólico de alteração entre duas culturas (MALDONADO-TORRES, 2007).

Na sua carta, podemos contemplar uma intensa mestiçagem linguística e cultural, própria do complexo período em que se encontrava imerso. O uso dos códigos da língua escrita e das formas retóricas do colonizador representam, nesse sentido, uma ação dissidente e subversiva. Tais características se somam ao conteúdo da carta que, como mencionamos, aborda três eixos temáticos de alta relevância cultural, social e política, transformando-a num documento histórico representativo da resistência indígena às forças devastadoras da colonização.

Talvez esse tenha sido o motivo que provocou o extravio da obra após a sua culminação no ano de 1616. Não há mais registros de Waman Puma após essa data, na qual entrega a carta ao Vice-rei, na cidade de Lima. Também não existem novos registros sobre a carta nos documentos do império espanhol, pelo que se intui que ela nunca foi direcionada à corte da coroa espanhola. O manuscrito só é encontrado na antiga Coleção Real de Dinamarca no ano de 1908, pelo pesquisador Richard Pietschman. No ano de 1936, em Paris, é editada a primeira versão fac-símile da obra, e nos anos 1977, 1978 e 1980 são produzidas novas edições. No ano de 1997, finalmente, a biblioteca Real de Dinamarca, considerando a relevância do documento, digitaliza a obra, a qual hoje pode ser encontrada on-line em duas línguas: espanhol e inglês; junto a dois glossários dos termos em idioma quéchua e aimará. Após mais de 300 anos de silenciamento, a extensa obra de Waman Puma começa a ser conhecida na contemporaneidade.

Esse documento histórico é essencial para a compreensão do pensamento decolonial e a sua vinculação ao paradigma modernidade/colonialidade. Trata-se de um dos primeiros registros críticos redigidos na América que parte da perspectiva do sujeito colonial, o que brinda ao texto um potencial epistêmico que em outras obras é escasso ou inexistente. O pleno domínio de duas línguas indígenas por parte de Waman Puma — quéchua e aimará —, ademais, outorga à carta uma característica inovadora, inalcançável para os cronistas castelhanos, desconhecadores parciais ou totais dos sistemas linguísticos indígenas. Essas

⁸ Nome composto que se refere ao território que ocupou o chamado Império Inca. Compõe-se de dois termos quéchuas: *tawa*, quatro; e *suyu*, região-nação. O nome faz referência às quatro grandes regiões que o império Inca abrangeu.

peculiaridades, como aponta Mignolo (2006), intensificam o caráter subversivo do documento, no qual

[...] *la cosmología Andina (keswaymara) comienza a rehacerse en diálogo conflictivo con la cosmología cristiana, en toda su diversidad misionera castellana (dominicos, jesuitas, franciscanos) y con la mentalidad burocrática de los organizadores del Estado bajo las órdenes de Felipe II.*⁹ (MIGNOLO, 2006, p. 105).

Esse diálogo conflituoso, ao qual faz referência o teórico argentino, constitui um novo espaço de discussão, um espaço no qual é ponderado e questionado o projeto modernizador/colonizador europeu em terras americanas a partir de um pensamento outro: o espaço do pensamento decolonial. Isto é, nos termos de Mignolo (2000), uma episteme que sobrevém das marcas que a dominação e a exploração colonial provocam — a ferida colonial — e que se institui como um projeto de descolonização epistemológica.

Assim, o tratado político e social de Waman Puma estabelece a gênese do pensamento decolonial, o qual se constitui como um instrumento teórico-metodológico que busca expor e se opor à lógica da colonialidade, oculta por trás da retórica da modernidade. Em outras palavras, visa a criar estruturas políticas, sociais, culturais e de conhecimento alternativas às impostas pela matriz colonial do poder. Esse momento de abertura epistemológica a partir da obra de Waman Puma é denominado nos estudos contemporâneos como o giro decolonial.

A genealogia do pensamento decolonial, desse modo, remete para época colonial, na qual se efetua o giro epistemológico. Isso indica que a decolonialidade, entendida como o conjunto de forças reativas e proativas enfrentadas à colonialidade, emerge também como consequência da instauração da matriz colonial do poder, nos projetos de modernização e colonização europeus a partir do século XV. Desse modo, como apontam Grosfoguel e Mignolo (2008, p. 30), esses conceitos — modernidade, colonialidade e decolonialidade —, não podem ser ponderados por separado, pois “[...] *surgen conjuntamente en el mismo proceso histórico. Cada uno de ellos es constitutivo de los otros dos.*”¹⁰ A genealogia do pensamento decolonial e a sua vinculação direta com a modernidade/colonialidade são especificidades que o diferenciam da teoria pós-colonial, cuja genealogia se localiza “[...] *en el post-estructuralismo francés más que en la densa historia del pensamiento planetario decolonial.*”¹¹ (MIGNOLO, 2006, p. 88).

A prerrogativa da colonialidade do poder consiste no controle hegemônico de todos os âmbitos da experiência humana: a subjetividade, o trabalho, a sexualidade, a produção de conhecimento etc. A opção decolonial a essa forma de vida consiste na interseção de cada um desses âmbitos em busca do equilíbrio nas relações de poder. Obras como *Nueva Crónica y Buen Gobierno* (1980) abrem espaços para a descolonização do saber, isto é, epistemológica, e viabilizam a descolonização política, social e econômica.

Mignolo (2000) denomina a base epistêmica desse tipo de obras como o pensamento fronteiriço. Uma perspectiva epistemológica que surge em espaços de conflito, onde mais do que um contato entre culturas distintas, há um embate de concepções universais. Para o teórico argentino, o pensamento fronteiriço é mais do que um discurso híbrido:

⁹ “[...] a cosmologia Andina (keswaymara) começa a se refazer em diálogo conflituoso com a cosmologia cristã, em toda a sua diversidade missionária castelhana (domínios, jesuítas, franciscanos) e com a mentalidade burocrática dos organizadores do Estado sob as ordens de Felipe II.” (MIGNOLO, 2006, p. 105 – tradução nossa).

¹⁰ “[...] surgem conjuntamente no mesmo processo histórico. Cada um deles é constitutivo dos outros dois.” (GROSGOUEL e MIGNOLO, 2008, p. 30 – tradução nossa).

¹¹ “[...] no pós-estruturalismo francês, mais do que na densa história do pensamento planetário decolonial.” (MIGNOLO, 2006, p. 88 – tradução nossa).

*Es una enunciación fracturada en situaciones dialógicas que se entrelazan mutuamente con una cosmología territorial y hegemónica (ideología, perspectiva). En el siglo XVI, el pensamiento fronterizo siguió estando en control de los discursos coloniales hegemónicos. Éste es el motivo por el que la narrativa de Waman Puma no se publicó hasta 1936, mientras los discursos coloniales hegemónicos (incluso cuando se mostraban críticos con la hegemonía española, como era el caso de fray Bartolomé de Las Casas) eran publicados, traducidos y ampliamente distribuidos, beneficiándose de las publicaciones impresas emergentes.*¹² (MIGNOLO, 2000, p. 9).

As manifestações artísticas e científicas — sejam literárias, históricas, sociológicas, antropológicas etc. — produzidas a partir dessa epistemologia fronteiriça, ou do entre-lugar (SANTIAGO, 2000 [1978]), buscam transgredir a herança colonial a partir da reivindicação dos conhecimentos subalternizados pela colonialidade do saber. Esse processo é complexo e violento, dado que foi pelo “[...] uso arbitrário da violência e a imposição brutal de uma ideologia [...]” (SANTIAGO, 2000, p. 14) que os valores da metrópole foram instaurados nas colônias. Dessa forma, tais manifestações decoloniais possuem uma potência epistêmica propícia para viabilizar novos lugares de enunciação; para ressignificar a lógica eurocêntrica de produção de conhecimento, isto é, uma descolonização epistemológica; e para reivindicar a descolonização política, social e econômica nas sociedades subalternizadas, a partir do desdobramento do discurso.

Tanto Mignolo (2000) como Santiago (2000) enfatizam a relevância do lugar epistêmico em que o ato de enunciação se efetua. No âmbito literário, tema fulcral de Santiago (2000), os projetos estéticos críticos formulados no contexto latino-americano se movimentam entre princípios, conceitos e práxis que caracterizaram as relações coloniais: “[...] entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão [...]” (SANTIAGO, 2000, p. 26). Nesse entre-lugar do discurso latino-americano, configura-se uma nova subjetividade que visa a transcender a diferença colonial, isto é, transcender a concepção da hegemonia dos valores eurocêntricos: uma subjetividade baseada, para além das concepções de mundo e das experiências de vida europeias ou anglo-americanas, nas exterioridades do sistema moderno/colonial (MIGNOLO, 2007).

Os discursos do pensamento fronteiriço, nesse sentido, sobrevivem da diferença colonial, como o resultado das complexas relações impostas pela colonialidade. São discursos fraturados e dialógicos que visam a uma convivência equilibrada entre os paradigmas de pensamento existentes no mundo. Trata-se de projetos que buscam a destruição sistemática de qualquer superioridade cultural a partir de um “ritual antropófago” que “contamine” o imaginário de unidade e pureza criado pelos paradigmas eurocêntricos de pensamento (SANTIAGO, 2000).

A figura metafórica do ritual antropófago é oportuna para a compreensão da práxis do pensamento fronteiriço no sistema-mundo ocidental. É uma práxis que, instaurada no interior da matriz colonial, devora as hierarquias linguísticas, culturais, epistêmicas e estéticas impostas pela modernidade/colonialidade, ressignificando-as em busca de vias efetivas para a descolonização. Assim, nos termos de Grosfoguel (2006, p. 39),

¹² “É uma enunciação fraturada em situações ideológicas que se entrelaçam mutuamente com uma cosmologia territorial e hegemónica (ideologia perspectiva). No século XVI, no pensamento fronteiriço seguiu estando no controle dos discursos coloniais hegemónicos. Esse é o motivo pelo qual a narrativa de Waman Puma não foi publicada até 1936, enquanto os discursos coloniais hegemónicos (inclusive quando se mostravam críticos com a hegemonia espanhola, como era o caso do frei Bartolomeu de Las Casas) eram publicados, traduzidos e amplamente distribuídos, beneficiando-se das publicações impresas emergentes.” (MIGNOLO, 2000, p. 9 – tradução nossa).

[...] en lugar de rechazar la modernidad para retirarse en un absolutismo fundamentalista, las epistemologías fronterizas subsumen/redefinen la retórica emancipatoria de la modernidad desde las cosmologías y las epistemologías de lo subalterno, localizado en el lado oprimido y explotado de la diferencia colonial, hacia una lucha por la liberación decolonial por un mundo más allá de la modernidad eurocentrada. Lo que el pensamiento fronterizo produce es una redefinición/subsunción de la ciudadanía, la democracia, los derechos humanos, la humanidad, las relaciones económicas más allá de las estrechas definiciones impuestas por la modernidad europea. El pensamiento fronterizo no es un fundamentalismo antimoderno. Es una respuesta decolonial transmoderna de lo subalterno a la modernidad eurocéntrica.¹³

Ressignificação, redefinição, subsunção; assim, o paradigma decolonial na América Latina constitui a base epistêmica de projetos políticos, econômicos, sociais e culturais. No âmbito da literatura latino-americana, diversas obras articulam seus projetos estéticos nas bases epistemológicas do pensamento fronteiriço, visando à descolonização do saber. Ao tratarmos de um gênero em específico, o romance histórico, as possibilidades decoloniais se expandem a duas epistemes: literatura e história.

2 O ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO E AS VIAS PARA A DESCOLONIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

No ano de 1826 é publicado o primeiro romance histórico no continente americano: *Xicoténcatl*. Essa primeira manifestação romanesca híbrida, apesar de publicada nos Estados Unidos, é escrita em língua espanhola por um autor anônimo, sobre cuja origem existem diversos debates e hipóteses. A diegese da obra se desenvolve ao redor de um dos acontecimentos mais relevantes no contexto histórico e cultural americano: a invasão e colonização europeia de Abya Yala¹⁴ a partir do final do século XV. Em específico, a narrativa se situa nos eventos da conquista do México, com a chegada do conquistador Hernán Cortés (1485-1547) e as suas tropas à região, no ano de 1519. A figura central da diegese, contudo, não é o colonizador, mas o jovem Xicoténcatl (1484-1521), líder indígena e príncipe dos tlaxcaltecas¹⁵, personagem de extração histórica que se opõe abertamente à invasão colonial espanhola.

O episódio relido pela ficção, a conquista do México, é recontado a partir de uma perspectiva outra: a perspectiva dos nativos que estiveram envolvidos no episódio. Essa subversão na ficção resulta num projeto estético de enfático tom crítico em referência ao discurso historiográfico oficializado na América; um discurso redigido sob o olhar do vencedor, do colonizador (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017). Evidencia-se na ficção a nocividade da práxis colonizadora, fundamentada no uso da violência contra os bens materiais e imateriais dos povos nativos. Hernán Cortés, personagem de extração histórica, é configurado como um sujeito que dominava a arte da guerra e da retórica: um militar experimentado com tropas fiéis aos seus desígnios e um negociador astuto que aproveitava

¹³ “Ao invés de rejeitar a modernidade para se retirar num absolutismo fundamentalista, as epistemologias fronteiriças subsumem/redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e das epistemologias do subalterno, localizado no lado oprimido e explotado da diferença colonial, dirigido a uma luta pela liberação decolonial por um mundo para além da modernidade eurocentrada. O que o pensamento fronteiriço produz é uma redefinição/subsunção da cidadania, a democracia, os direitos humanos, a humanidade, as relações econômicas para além das estreitas definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento fronteiriço não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta decolonial transmoderna do subalterno à modernidade eurocêntrica.” (GROSFUGUEL, 2006, p. 39 – tradução nossa).

¹⁴ Nome dado ao continente americano por alguns povos indígenas originários.

¹⁵ Sociedade indígena localizada na região que atualmente constitui o estado de Tlaxcala, no México.

cada situação em favor da sua empresa invasora. Nesse sentido, a figura de Cortés sintetiza no romance as duas principais forças colonizadoras: a militar e a ideológica; forças pelas quais a matriz colonial se instaurou na nossa região.

A recusa do poder hegemônico e a clara atitude anticolonial são complementadas em *Xicoténcatl* pela representação dos valores do mundo indígena pré-hispânico e a sua consequente extinção no mundo moderno/colonial. A lealdade, a coragem e a resistência diante da força colonizadora são elementos que se destacam na configuração de algumas personagens indígenas, como Xicoténcatl ou Teutila. Para Del Pozo González, a morte dessas personagens na narrativa representa “[...] a extinção desse mundo, já que há a impossibilidade de a antiguidade continuar a funcionar tal qual o fazia antes da chegada dos europeus.” (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017, p. 44).

Somado a isso, configuram-se na ficção personagens que compõe uma nova categoria social e cultural, a qual se gesta no mundo moderno/colonial. Eis o caso da personagem de extração histórica Malinche, localizada também no romance sob o nome de *doña Marina*. Trata-se de uma mulher indígena com altas capacidades de mando e convencimento que, em aliança com Cortés, facilitou a aproximação dos espanhóis com as sociedades indígenas da região do atual México. Em Malinche reúnem-se as características do sujeito subalternizado que se debate entre duas concepções de mundo, duas experiências de vida, duas culturas que se relacionam num contexto colonial. Para Del Pozo González (2017, p. 77),

Personagens como La Malinche são importantes, pois, a partir deles, os povos formam/criam a sua identidade. A personagem histórica é uma referência à nossa latino-americanidade, ao processo de formação das nações de hoje, resultado da conquista-colonização pelos europeus que precisa ser entendido/absorvido e aceito como realidade das nossas nações.

Em *Xicoténcatl* (1826), configura-se um extenso e profundo retrato do processo de invasão e colonização a partir de uma concepção da história, não só distinta, mas contrária à hegemônica. O projeto estético do romance se manifesta como um produto do entre-lugar, pois nele se verifica o “[...] movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo [...]” (SANTIAGO, 2000, p. 18). Os paradigmas europeus pelos quais a história foi redigida são questionados e buscam ser subvertidos a partir da ficção, o que pode ser definido como um projeto decolonial que busca a descolonização epistêmica da história.

Esse processo decolonial, por se tratar do projeto estético de um romance histórico, também terá implicações na estrutura da episteme literária. Aqui vale mencionar que o gênero romance histórico é inaugurado pelas obras do britânico Walter Scott, *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819). Em termos de ideologia, o modelo de romance histórico scottiano ou clássico, bastante difundido e reproduzido na Europa, configurava-se como uma narrativa ficcional híbrida sem criticidade diante do discurso historiográfico. Assim, a voz hegemônica da história era reproduzida dentro da ficção sem gerar tensões com o projeto estético dos romances que seguiam tal modelo (FLECK, 2017). *Xicoténcatl* (1826) estabeleceu uma ruptura com o romance histórico clássico. Essa ruptura radica, segundo Del Pozo González (2016, p. 42-43), na clara manifestação “[...] de uma posição anticolonial, uma questão ideológica que se opõe ao modelo europeu instaurado, primeiramente, pela escrita de Walter Scott, no qual a versão da história hegemônica era cultivada sem alterações pela ficção.”

Em síntese: o romance histórico latino-americano é inaugurado por uma obra que busca promover uma dupla descolonização epistemológica: na história e na literatura. O projeto estético de *Xicoténcatl* se utiliza das formas literárias eurocêntricas para, por meio de um ritual antropofágico, propor paradigmas alternativos de conhecimento. Assim, trata-se de um exercício do pensamento fronteiro que se manifesta no entre-lugar, uma prática

decolonial. O aspecto ideológico crítico do projeto estético de *Xicoténcatl* (1826) foi o embrião do que, a partir do século XX, manifestou-se nas modalidades críticas/desconstrucionistas do gênero romance histórico na América Latina (MENTON, 1993).

De 1826 até a contemporaneidade, o gênero romance histórico foi amplamente cultivado no contexto latino-americano. As inúmeras produções do gênero se vinculam a formas estéticas e a ideologias que variam em razão do contexto cultural, histórico, político e social em que são redigidas e publicadas. Estudos contemporâneos como o de Fleck (2017) propõem um agrupamento dessas produções romanescas em fases e modalidades, com algumas exceções. Tal classificação segue critérios bem definidos pelo autor: “a ideologia que permeia a relação da ficção com a história no romance, os recursos escriturais utilizados para efetuar a releitura do passado pela escrita literária e a linguagem empregada pela ficção na reescrita do passado.” (FLECK, 2017, p. 20).

Com base nesses critérios, são apontadas três fases do gênero: acrítica, crítica/desconstrucionista e crítica/mediativa. Dentro das fases críticas se constituem três modalidades: o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica, da fase desconstrucionista; e o romance histórico contemporâneo de mediação, da mais recente fase do gênero, a fase mediativa. Essas modalidades possuem especificidades que, pelo tamanho desta discussão, não serão abordadas. Há nelas, contudo, uma singularidade que é do nosso interesse, e responde ao primeiro critério apontado por Fleck (2017): a ideologia que permeia a relação da ficção com a história no romance.

As produções das três modalidades críticas configuram discursos de enfrentamento com relação à história oficializada — e, em alguns casos, com relação ao discurso literário/artístico que fundamentou esse processo de oficialização. Desse modo, a ideologia que rege a ficção se manifesta como questionadora e transformadora do discurso hegemônico, articulando um projeto estético subversivo e iconoclasta. As especificidades dessas narrativas serão definidas pelos recursos escriturais e pela linguagem empregada na ficção, outorgando aos projetos estéticos as funções de desconstruir, de parodiar, de mediar e/ou descolonizar, entre outras, a voz oficial da história e o discurso literário/artístico que a sustentou.

Eis a relevância do critério da ideologia que permeia a ficção para o exame do projeto estético de um romance histórico. Para considerar determinada obra como um exercício do pensamento fronteiriço, esta deve fundar a sua ideologia na opção decolonial, buscando atingir a matriz colonial do saber. Nesse sentido, não bastaria a utilização de recursos escriturais desconstrucionistas — como a paródia ou a metaficção — ou o emprego de estratégias narrativas próprias das fases críticas do gênero — como o jogo de focalização ou o pluriperspectivismo — para a constituição de um romance histórico que busque a descolonização epistemológica da história e da literatura.

Esses recursos e essas estratégias só poderão compor um projeto estético decolonial quando a ideologia que perpassa a escrita do romance histórico se articula no paradigma do giro decolonial. Isso não indica que a criticidade dos projetos estéticos desconstrucionistas, paródicos ou mediadores seja em maior ou menor grau enfática, mas evidencia uma alteração nos paradigmas de pensamento que, articulados dentro da diegese ficcional, buscarão efetuar a descolonização intelectual. Nesse sentido, um novo romance histórico latino-americano, uma metaficção historiográfica ou um romance contemporâneo de mediação podem compor projetos estéticos decoloniais, articulando a práxis do pensamento fronteiriço a suas funções desconstrucionistas, metaficcionais e/ou mediadoras.

3 OS LÍDERES INDEPENDENTISTAS EM FOCO: SIMÓN BOLÍVAR NO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

*Ha llegado el momento de bajar al Libertador del caballo gomoso de las esculturas encargadas por los caudillos tropicales y de montarlo en su mula orejona, porque en caballo no se pueden atravesar y recorrer los Andes. Bolívar lo usaba para entrar a las ciudades, y domaba potros en los llanos del Orinoco, pero en su obra larga y paciente fue acompañado de la mula.*¹⁶ (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 84).

No vasto acervo de romances históricos latino-americanos, encontramos obras excepcionais com características estéticas e composicionais que muitas vezes antecipam as tendências literárias definidas pela crítica. O trecho acima citado corresponde a um desses romances históricos, pouco reconhecidos no âmbito da crítica literária, que evidenciam na sua tessitura narrativa diversas mudanças com relação ao tratamento da matéria histórica pela ficção: *Mi Simón Bolívar* ([1930] 2002).

O romance do literato e filósofo colombiano Fernando Gonzalez Ochoa, publicado no ano do centenário da morte do Libertador, desenvolve-se como uma intrincada narrativa ficcional em que os narradores, as personagens (e suas consciências autonômicas) e o alter ego do autor participam de um experimento filosófico-cósmico-literário com um objetivo elementar: redescobrir, internalizar e reapresentar a figura/espírito de Simón Bolívar. Essa empreitada estabelecida na ficção já revela o caráter experimental da obra de Ochoa ([1930] 2002) frente às escritas híbridas tradicionais.

O romance é ambientado no ano de 1930. A personagem principal, Lucas Ochoa, filósofo e viajante astral, contempla a ideia de escrever uma biografia do Libertador; uma na qual fosse desvendada a “verdadeira figura de Bolívar”, afastando-a da perspectiva idealizada mantida na história oficializada pelos centros de poder. Contudo, tal projeto só poderá ser concretizado, segundo a personagem, ao se conhecer e ao se tomar posse do próprio espírito de Bolívar. Para isso, fazia-se necessário transitar por cada trajeto que o Libertador percorreu em vida, assimilando, assim, a sua “consciência cósmica”.

A personagem Fernando González, amigo de Lucas Ochoa, explica que o filósofo se encontrava impelido pela “grandeza de Bolívar” a procurar conhecer e possuir seu espírito, caminhando e atravessando os Andes uma e outra vez, tal como o Libertador já o havia feito. A produção e publicação da biografia, seguindo essa condição imposta por Lucas Ochoa, demandaria da personagem Fernando González, que custeava o projeto, uma grande quantia. Perante tal conjuntura, González tem a ideia de escrever uma obra na qual se narrassem e explicassem as vicissitudes do processo investigativo e metodológico de Lucas Ochoa para a escrita da biografia. Com o dinheiro que essa obra arrecadasse, ambos empreenderiam a longa viagem pelos Andes. Como leitores, a partir dessa elucidação, compreendemos estar diante da obra prévia à biografia, mencionada pela personagem Fernando González. O caráter metaficcional da obra também se evidencia nessas conjunturas tecidas no espaço escritural.

O romance divide-se em três partes: na primeira, é apresentada a personagem Lucas Ochoa, a partir da perspectiva da personagem Fernando González, voz narrativa; na segunda, a voz narrativa é a de Lucas Ochoa, que apresenta e explica o seu método investigativo e metodológico para escrever a biografia de Bolívar; na terceira parte, faz-se a transcrição de diversos textos redigidos por Bolívar — proclamações, discursos e cartas —, seguidos de uma análise de Lucas Ochoa. Nessa parte da obra, sobressai-se, novamente, seu caráter metaficcional.

O tratamento literário dado à personagem histórica na ficção fundamenta-se no processo de humanização. Isto é, o rebaixamento da figura de Simón Bolívar a partir da

¹⁶ “Chegou o momento de baixar o Libertador do cavalo ilustre das esculturas encarregadas pelos caudilhos tropicais e de fazê-lo cavalgar a sua mula orelhuda, porque a cavalo não se podem atravessar e percorrer os Andes. Bolívar usava-o para entrar nas cidades e domava potros nos campos do Orinoco, mas na sua obra longa e paciente foi acompanhado de uma mula.” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 84).

organização da linguagem e dos acontecimentos que receberam destaque na história oficializada do continente. De tal forma, o primeiro grande passo do literato colombiano foi desmontar a figura do Libertador, retirando-a do seu pedestal, oportunizando, assim, novas veredas de análise para os fatos relatados de sua vida e seus feitos a partir das ressignificações possíveis à ficção. A personagem Lucas Ochoa descreve Bolívar da seguinte forma:

*Era un hombre solo, sin amigos y sin amores. En verdad, no tuvo familia. El que nació para realizar una concepción, se aísla del género humano. La soledad de su alma cuando comprendió, en 1826, que su obra estaba para derrumbarse, es aterradora. Sus noches eran tristes; veía que, al envejecer, al perder su aura, desaparecía la fuerza que había atraído tantos elementos dispersos.*¹⁷ (GONZÁLEZ, 2002, p. 167).

Nesse fragmento, evidenciamos a presença de signos vinculados ao fracasso, à desilusão e à ruína na vida de Bolívar. A ressignificação da história flui a partir dessa dimensão ficcional na narrativa, outorgando um novo rosto para o Libertador pelas estratégias escriturais possíveis à ficção. O “novo Bolívar” é retratado numa das mais precárias condições: desolado pelo fracasso político e militar. A obra, nesse sentido, não condiz com o que se esperava no âmbito artístico para o centenário da morte de Bolívar, isto é: manifestações populares artísticas que exaltassem a sua figura.

Configurar, na ficção latino-americana de 1930 – centenário da morte de Bolívar – a um Libertador frustrado pelo insucesso dos seus projetos corresponde, em termos literários, a um processo de carnavalização bakhtiniana a partir da instauração de um processo de humanização. Para o teórico russo, tal processo consistia na supressão das hierarquias estabelecidas num sistema organizado, rompendo também com as formas do medo, da etiqueta e outras formas de controle social vinculadas a essas hierarquias. Nas palavras do teórico, com a carnavalização “[...] *se aniquila toda distancia entre las personas y empieza a funcionar una específica categoría carnavalesca: el contacto libre y familiar entre la gente.*”¹⁸ (BAKHTIN, [1963] 2003, p. 179).

O rebaixamento do Bolívar/herói à condição humana, por meio da ressignificação da sua figura na ficção, é evidência desse processo de carnavalização, pois, como aponta Bakhtin (2003), essa configuração desconstrucionista aniquila a distância entre o herói e o resto da sociedade; distância nutrida no imaginário latino-americano pela literatura nacionalista romântica e pela historiografia de cunho positivista tradicional que, previamente, já haviam celebrado a heroicidade da figura histórica.

Nesse sentido, a obra de González Ochoa aproxima-se, já em 1930, ao que só décadas mais tarde seria considerado o intuito elementar do novo romance histórico latino-americano, expressado nas palavras de Aínsa (1991, p. 31): “[...] *buscar entre las ruinas de una historia desmantelada por la retórica y la mentira al individuo auténtico perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica.*”¹⁹

A intertextualidade presente na diegese reforça o processo de humanização da personagem histórica. A ação de rastreio de Lucas Ochoa dentro da narrativa é substancial

¹⁷ “Era um homem solitário, sem amigos e sem amores. Na verdade, não teve família. Aquele que nasceu para realizar uma concepção isola-se do gênero humano. A solidão da sua alma quando compreendeu, no ano de 1826, que a sua obra estava a ponto de se desmoronar, é tenebrosa. A suas noites eram tristes, via como, ao envelhecer, ao perder a sua aura, desaparecia a força que havia atraído tantos elementos dispersos.” (GONZÁLEZ OCHOA, p. 167 – tradução nossa).

¹⁸ “[...] aniquila-se toda a distância entre as pessoas e começa a funcionar uma específica categoria carnavalesca: o contato livre e familiar entre elas.” (BAKHTIN, 2003, p. 179 – tradução nossa).

¹⁹ “Buscar entre as ruínas de uma história desmantelada pela retórica e a mentira ao indivíduo autêntico perdido por trás dos acontecimentos, descobrir e preconizar o ser humano na sua dimensão mais autêntica.” (AINSA, 1991, p. 31 – tradução nossa).

para a configuração da figura de Bolívar e para a escrita da sua biografia. Dessa forma, o filósofo propõe-se a buscar “[...] *a don Simón por todas partes, en los libros y en el cerebro de todos los compatriotas que leen.*”²⁰ (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 157). No seu desenvolvimento, o romance estabelece vínculos com narrativas ficcionais e históricas – na sua maioria reconhecidas no âmbito oficial – que também têm a Bolívar como a sua figura central. Essas relações intertextuais, ora mais ora menos diretas, estabelecem o tom crítico da obra, que compara e questiona essas narrativas do discurso oficial, revelando ao leitor a tessitura discursiva do romance.

Por meio de um jogo metaficcional que se torna evidente nas entrelinhas da narrativa, a reconfiguração da personagem histórica concretiza-se na ficção. Numa leitura atenta e consciente, o leitor crítico compreende que Lucas Ochoa, personagem principal, antes mesmo de iniciar seu percurso investigativo – que tem como fim internalizar o espírito do Libertador – já possui diversas semelhanças com Bolívar em vários aspectos da sua vida. Desse detalhe inferimos que ambas as personagens são símiles configuradas na tessitura narrativa.

As semelhanças nos feitos, na vida e no pensamento das personagens – uma de extração histórica e outra puramente ficcional – transcendem a fronteira das coincidências criativas na narrativa, transformando-se num eixo interpretativo para o leitor do romance. Isto é, para compreender o tratamento literário dado à figura histórica na ficção, não basta se remeter à personagem em si, mas, também, às outras personagens e narradores da diegese. As equivalências entre Lucas Ochoa e Simón Bolívar são já desveladas no início da narrativa por Fernando González – “[...] *en primer término, esbozaré la biografía de Lucas Ochoa, para que así pueda entenderse mejor la que hizo él de don Simón Bolívar.*”²¹ (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 4) – e continuam até o final. Essas aproximações não se limitam ao caráter e à personalidade de ambos, pois, também, se estendem ao seu aspecto físico.

Dessa forma, a personagem Lucas Ochoa não é somente o biógrafo de Bolívar, mas, igualmente, uma espécie de interlocutor da história da sua vida e dos seus feitos no ano de 1930. Somado a isso, Lucas Ochoa é, também, um dos alter egos do autor do romance, Fernando González Ochoa. O autor projeta por meio da personagem aspectos da sua vida, à medida que confluem nessa configuração imaginativa elementos da biografia do próprio Simón Bolívar.

A outra personagem da diegese, Fernando González, nessa conjuntura, traça um novo fio narrativo para a obra, ao se propor, na primeira parte do romance, a apresentar a figura de Lucas Ochoa: “*Ningún esfuerzo humano he omitido para hacerme a todos los documentos precisos, según la psicología moderna, que me pongan en posesión del personaje.*”²² (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 12). O multiperspectivismo no tratamento literário dado à personagem histórica faz-se presente na configuração de distintos fios narrativos dentro da obra, aspecto estrutural que Fleck (2017), elenca como inerentes às metaficcões historiográficas.

Elucidamos aqui, de forma breve, cada um desses fios narrativos que compõem *Mi Simón Bolívar* ([1930] 2002): o primeiro fio narrativo desenvolve-se com o projeto de caracterização e apresentação da figura de Lucas Ochoa por parte da personagem Fernando González; o segundo fio narrativo consiste na busca pela assimilação do espírito de Bolívar por parte da personagem Lucas Ochoa; o terceiro fio narrativo, que, ao nosso ver, é o que

²⁰ “[...] *dom Simón em todo lugar, nos livros e no cérebro de todos os compatriotas que leem.*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 157 – tradução nossa).

²¹ “[...] *em primeira instância, farei um esboço da biografia de Lucas Ochoa, para que assim possa ser mais bem compreendida a biografia que ele fez de dom Simón Bolívar*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 4 – tradução nossa).

²² “*Nenhum esforço humano tenho omitido para recuperar todos os documentos precisos, segundo a psicologia moderna, que me permitam ter posse da personagem.*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 12 – tradução nossa).

amalgama os outros dois eixos dentro da narrativa, é a configuração ficcional da figura de Simón Bolívar que, sem aparecer plenamente como personagem dentro da diegese, é recriada a partir das distintas ações narradas da vida de Lucas Ochoa, uma espécie de espelho, de refração.

É a partir desse entendimento, com base na leitura crítica da obra, que o relato adquire novos matizes. As descrições da vida e dos feitos de Lucas Ochoa são contempladas com uma perspectiva mais ampla, dado que, através dessas ações, opera-se uma releitura crítica do discurso oficial sobre a vida de Simón Bolívar. A narrativa, desse modo, demanda do leitor um conhecimento prévio e um repertório histórico sobre os episódios e as figuras históricas que estão sendo ressignificadas pela ficção. A complexidade desse romance histórico, em termos estilísticos e composicionais, remete ao que algumas décadas depois viria a se tornar padrão no movimento da nova narrativa latino-americana: obras altamente críticas/desconstrucionistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do líder independentista Simón Bolívar (1783-1830) e os processos de independências na América Latina se encontram no centro das discussões dos estudos decoloniais há duas décadas. No âmbito literário, são inúmeros os romances históricos que, a partir de diferentes perspectivas, épocas e estilos, arquitetam na sua diegese o crucial momento de descolonização política e territorial. Num primeiro momento, os romances históricos acrílicos que buscam exaltar a figura do chamado Libertador da América, reforçando a narrativa da historiografia a respeito do líder independentista, dominaram o cenário literário do continente — entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

No ano de 1930, a publicação do romance *Mi Simón Bolívar*, do colombiano Fernando González, inaugura uma nova etapa no âmbito da reescrita da história do Libertador pela ficção. A criticidade da linguagem e da ideologia que estruturam o projeto estético do romance, em articulação com recursos escriturais metaficcionalistas e desconstrucionistas, estabelecem as bases das manifestações romanescas que abandonam a exaltação da figura de Bolívar e se contrapõem ao discurso historiográfico hegemônico.

Essa tendência crítica na composição de romances históricos sobre a figura do Libertador se intensifica no período da nova narrativa, concretizando-se nas duas modalidades mais questionadoras do gênero: o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica. Na contemporaneidade, com o advento da mais recente modalidade do gênero, apontada por Fleck (2017), o romance histórico contemporâneo de mediação, coexistem no cenário literário obras das distintas fases e modalidades. Isto é, projetos estéticos acrílicos, desconstrucionistas e de mediação com relação aos discursos histórico e literário/artístico.

Para a compreensão das especificidades desses romances que povoam o cenário atual, cabe à crítica o exame dos componentes que articulam os projetos estéticos. Nesse sentido, a análise dos recursos escriturais que operam na diegese e da linguagem empregada na reescrita ficcional da história deve ser complementada/guiada pelo estudo da ideologia que perpassa a escrita do romance. Isso, dado que é esse o elemento fulcral pelo qual os romances acrílicos, críticos e mediadores sobre a figura de Simón Bolívar podem ser compreendidos e classificados dentro ou fora dos projetos contemporâneos decoloniais.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La reescritura de la historia en la nueva narrativa latinoamericana. **Cuadernos Americanos** v.4 n. 28. p. 13-31. Madrid, 1991.

BAKHTIN, M. **Problemas de la poética de Dostoievski**. Trad. Tatiana Bubnova. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

CASTRO-GÓMEZ, S. GROSGUÉL, R. (Org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo de Hombres Editores, 2007.

DEL POZO GONZÁLEZ, L. **Malinche no espelho das traduções de Xicotécatl (1826): [1999 – 2013]**. 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.

DUSSEL, E. **1492 El encubrimiento del otro: Hacia el origen del “mito de la Modernidad”**. La Paz: Plural Editores, 1994.

ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 1, p. 51-86, jan./dez. 2003.

FLECK, G. F. **O Romance Histórico Contemporâneo de Mediação: entre a tradição e o desconstruccionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

GONZÁLEZ OCHOA, F. **Mi Simón Bolívar**. Manizales: Editorial Cervantes, 2002 [1930].

GROSGUÉL, R. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 4, p. 17-46, jan./jun. 2006.

GROSGUÉL, R; MIGNOLO, W. Intervenciones Descoloniales: una breve introducción. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 29-37, jul./dez. 2008.

MENTON, S. **La Nueva Novela Histórica de la América Latina, 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, W. **Historia globales / Proyectos globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2000.

MIGNOLO, W. El pensamiento descolonial, desprendimiento y apertura: un manifiesto. In: WALSH, C.; MIGNOLO, W.; LINERA, G. **Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial**. Trad. Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2007.

QUIJANO, A. **Modernidad, identidad y utopía en América Latina**. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1998.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.